

OUTUBRO
DE 1968

PUBLICAÇÃO MENSAL

Estudos

Série M

N.º 23

Esta série, (que é distribuída gratuitamente aos Médicos), tem tido grande aceitação. Pedimos aos Ex.^{mos} Médicos que a queiram receber, regularmente, o favor de nos fazerem a respectiva comunicação.

Psicologia e educação

TRANSFORMAÇÕES BIOLÓGICAS E PSICOLÓGICAS QUE PREPARARAM O MUNDO SOCIALISTA — VIII

O caso da Rússia — O culto da personalidade
— Metamorfose da Europa Oriental e seu futuro
psicológico

DEFESA E LUTA CONTRA AS PERTURBAÇÕES PSICOLÓ- GICAS E MENTAIS DOS ESTUDANTES

PROBLEMAS DE FILOSOFIA — O PAPEL DA RELIGIÃO E DA POLÍTICA NA FORMAÇÃO DA PERSONALI- DAD7 — XVI

A marcha demográfica do Islão

ESTUDOS DE PSICOLOGIA

O que é um facto psíquico?

A RACIOLOGIA E OS PROBLEMAS DO «RACISMO»

Expressão dinâmica da «Raça» — A «etnia»

PUBLICAÇÃO MENSAL

Director — Dr. F. CORTEZ PINTO

Administrador e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES

Editor — ANTÓNIO J. LEITE SARAMAGO

Redacção e Administração — RUA CUSTÓDIO VIEIRA, 1 ou Apartado 2219 — LISBOA

Composição e Impressão: Soc. Ind. Gráfica — Rua de Campolide, 133-B — LISBOA

Sala

Est.

Tab.

N.º

Penampla

Penicilina de amplo espectro,
activa por via oral e parenteral

A Penampla representa o regresso da penicilina à posição cimeira entre os antibióticos maiores.

O seu grau de eficácia
comprobativa pode
exprimir-se

em **3** PONTOS
BASILARES

- 1.º — Tão activa contra os cocos Gram-positivos e Gram-negativos, como a Penicilina G e, portanto, mais activa do que qualquer outro antibiótico.
- 2.º — Activa contra a maioria dos germes Gram-negativos em grau, pelo menos equivalente ao dos antibióticos de amplo espectro mais eficazes.
- 3.º — Bactericida, em vez de bacteriostática.

Conclui-se, portanto,
que Penampla cons-
titui o maior dos
'antibióticos maiores'

O seu valor farmacoló-
gico relativo pode dedu-
zir-se

dos **3** PONTOS
FUNDAMENTAIS

- 1.º — É estável no suco gástrico e bem absorvida por via digestiva.
- 2.º — Ao aumento das doses ministradas corresponde aumento proporcional dos níveis sanguíneos. A concentração máxima obtém-se em volta das 2 horas e mantém-se cerca de 6 horas sem decréscimo apreciável.
- 3.º — É talvez de todos os antibióticos o que tem menos tendência a acumular-se nos tecidos.
 - a) A sua concentração na urina é 800 vezes mais elevada do que no sangue.
 - b) A sua concentração na bils é 300 vezes mais elevada do que no sangue.
 - c) 98 % do antibiótico é eliminado 8 horas após a ministração.

Requisitar literatura ao Laboratório Sanitas

OUTUBRO
DE 1968

PUBLICAÇÃO MENSAL

Estudos

Série M

N.º 23

Director — Dr. F. CORTEZ PINTO

Administrador e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES

Editor — ANTÓNIO J. LEITE SARAMAGO

Redacção e Administração — RUA CUSTÓDIO VIEIRA, 1 ou Apartado 2219 — LISBOA

Composição e Impressão: Soc. Ind. Gráfica — Rua de Campolide, 133-B — LISBOA

Psicologia e educação

TRANSFORMAÇÕES BIOLÓGICAS E PSICOLÓGICAS QUE PREPARARAM O MUNDO SOCIALISTA

O CASO DA RÚSSIA

VIII

Vamos prosseguir com este estudo. No último artigo, mostrámos como são diferentes a psicologia e os planos do povo russo e do povo chinês; os factos que se vão desenrolando entre os dois países, vão demonstrando como o dissídio político dominou por completo o entendimento superficial de ordem ideológica.

Vamos, a seguir, estudar o problema do «culto da personalidade» que é uma das bases da organização soviética, pois corresponde a uma das suas necessidades políticas vitais. Mas, antes disso, procuraremos precisar o significado de algumas palavras que traduzem concepções diferentes, para aquém e para além da «cortina de ferro».

Entre muitas dessas palavras, vamos referir-nos particularmente às seguintes: — *Liberdade* — *Autoridade* — *Socialismo*.

A «liberdade», como a compreendiam o partido anarquista e como hoje é tratado como pendão pelos avançados intelectuais do Ocidente, é a «liberdade absoluta». A *liberdade soviética* é uma liberdade condicionada pelo dever que todos devem ter para com a «Sociedade Soviética».

Já mostrámos como é difícil planear e muito mais difícil manter uma noção de unidade entre centenas de povos diferentes, em raças, em concepções idealistas ou económicas, línguas diferentes, climas diferentes e religiões diferentes. Por isso, as palavras e as ideias devem fixar-se, por meio dos delegados dos vários povos componentes, em ideias e concepções «únicas e indiscutíveis». O mesmo sucede em todos os regimes



e religiões; na religião católica, quando há divergências de interpretação em matéria básica, a reunião dos cardeais em concílio, onde se é inspirado pelo Espírito Santo, passa a constituir uma *ideia dogmática*, «indiscutível» e essa ideia será respeitada por todos os povos católicos do mundo.

Com a organização do «Soviete Supremo» procurou realizar-se um agrupamento que representasse a ideia suprema, «indiscutível». Ainda que o «Soviete Supremo» não corresponda de facto à representação de todos os povos soviéticos, o que é necessário é que os seus ditames sejam considerados como dogmas. Ele representa (oficialmente) o conjunto de todos os povos que constituem a Rússia; qualquer pensamento ou acção contra as regras ditadas por ele representa um ataque contra os seus irmãos, um ataque contra a sociedade, que deve ser imediatamente combatido ou destruído, como se extirpa qualquer tecido que possa pôr em perigo a existência de uma pessoa. O socialismo é um conjunto social de pessoas; cada uma corresponde a uma célula do órgão social, que é sagrada, e cada célula malfazeja ou doente tem que ser eliminada, para que se possa manter a «saúde social».

Esta concepção evidencia a gravidade que tem para o grupo social, qualquer divergência e sobretudo qualquer acção contra os seus irmãos.

No Ocidente, o *individualismo* não compreende nem aceita esta concepção. Qualquer imposição gera a revolta e as pessoas, polícia, tribunais que imponham regras ou ideias gerais obrigatórias, geram a revolta e os governos são classificados de «ditadura».

Os governos dos países Ocidentais, onde se tem uma liberdade de pensamento e de acção, inteiramente incompreensível e duramente reprimida nos países Orientais, têm muito menos força para imporem regras. Aqui, há a liberdade de não trabalhar, não estudar, dizer alto o que se pensa, impossível do outro lado, porque a isso se opõe a segurança social, que é uma das bases da organização e uma necessidade política.

Um crente que se revolta e negue o dogma, está automaticamente excomungado. Antigamente, a esta excomunhão seguia-se a fogueira e hoje, nos países soviéticos a revolta contra os dogmas do Soviete Supremo é punida com a deportação e trabalhos forçados para regiões de climas difíceis, o que levará a uma «morte a prazo», ou será fuzilado imediatamente.

Vamos pois continuar o nosso estudo, procurando dar às palavras o significado real, aquém e para além da «Cortina de Ferro».

O problema do culto da personalidade

Sabemos que, para que uma ideologia possa entrar na consciência do Eu pessoal, como constituindo uma componente da sua própria mentalidade, é necessário que este *pensamento* seja materializado, tanto

quanto possível, num único ser humano, ou na imagem do homem que possa simbolizar o «Senhor Ideal».

Só as pessoas que possam chegar a um alto grau de intelectualidade, como os filósofos da Grécia antiga, se podem assimilar a uma doutrina, sem recorrer à sua materialização em um outro ser, porque esse pensamento se torna o seu próprio «Anti-Ideal do Eu» e que esse *Eu* próprio toma o lugar de «mestre e senhor»; nenhuma inovação ética ou social se pode libertar do empirismo de todo o Mestre antigo, mesmo se ela tivesse sido influenciada por um predecessor e que se confunda com a sua própria ideologia, a não ser que ela se propague como inspiração de Deus.

Há muitas pessoas que se concentram sobre o seu «Anti-Ideal do Eu» sem conhecer mesmo a essência da doutrina que as levou à formação desse ideal. Outros, mais extravertidos, estão animados pelo sentimento de uma «missão a cumprir»; Lenine pertenceu certamente a esta última categoria de pessoas que se sentem «messias».

A personalidade de Lenine representa o fundamento humano, essencial, da alma soviética, como o testemunham as suas estátuas, os seus museus e a sua literatura, que se encontram espalhados, mesmo pelos pontos mais afastados do universo continente oriental. Antes de morrer, em 1924, ele soube adaptar para os seus compatriotas uma filosofia teórica de base, aos caracteres físicos e aos sentimentos psíquicos que são próprios dos povos eslavos. Tornou-se assim o Pai e Senhor Espiritual de cerca de 300 milhões de Europeus orientais, porque o duo Marx-Eugels que foi a fonte do edifício materialista dialético do povo russo, era de origem germânico e, portanto, difícil de compreender pela alma eslava.

O cadáver intacto de Lenine, parece dormir no mausoléu da Praça Vermelha, aberto ao público, junto ao Kremlin e que foi, até à glorificação de Mao-Tsé-Tung, para um bilião de adeptos do Universo Marxista, o que Jerusalem representa para o Mundo Cristão e Meca para o Mundo Muçulmano.

Na realidade, o pensamento de Lenine é reconstituído no consciente e no subconsciente de cada cidadão; ele tornou-se verdadeiramente no laço espiritual que, desde as gerações que desapareceram até às virtualmente presentes e às que lhe sucederem, dá um sentido ao «pensamento comum» de pôr na comunidade todos os recursos humanos da nação.

Muitos observadores são da opinião que o marxismo-leninismo se tornou em uma espécie de religião exclusiva, desde que se juntou a 700 milhões de chineses que, no pensamento de Mao-Tsé-Tung, adaptou à mentalidade que o movimento budista soube formar durante 25 séculos no seio dos povos mongóis.

Todos estes grandes movimentos, culturais ou espirituais, são fundados sobre o conceito do «Superhomem», como ser exemplar a imitar o «Ideal do Eu» que *Freud* analisou tão profundamente.

Todos os homens têm necessidade de amar o seu próximo, que consideram igual a si, ou de odiar os seus inimigos, mesmo que sejam imaginários. É, fundamentado nesta necessidade natural de simpatia dos eslavos, que podemos ligar a verdadeira afeição que os russos têm por este chefe espiritual morto porque, para além da sua actividade, mais exclusivamente administrativa, política, material, o mais humilde dos russos vê, neste seu compatriota genial, o espelho da sua própria consciência, que se realiza no amor do superhomem pelo seu povo e, a seguir, no espírito de camaradagem, que daí resulta no conjunto dos seus compatriotas.

Esta necessidade dos Eslavos, de procurarem violentamente a *afeição humana*, tem sido igualmente a causa de mostrarem durante a sua vida, a sua dedicação a todos os personagens susceptíveis de representarem o pensamento do Mestre. No entanto, o amor colectivo é em geral muito exclusivo. Para evitar que o culto da personalidade única não possa apagar a recordação de Lenine, em proveito de um novo autoritarismo, ou de desvianismos possíveis, o «Partido» procurou despersonalizar a imagem de Estaline ou a exclusividade de Krustchef, que já iam tomando um vulto tal que podia diminuir a grande superioridade da figura de Lenine.

Na entanto devemos considerar que um dia, baseados no conceito da transmissão do pensamento através dos séculos, estes povos europeus, podem chegar a ter uma concepção de uma *consciência universal*, conforme as teorias de *Teilhard de Chardin*.

Metamorfose da Europa Oriental e seu futuro psicológico

A Europa Oriental, longe de se ter fixado nas conclusões sociais de um período histórico que decorreu durante e a seguir à Grande Guerra teve a experiência dos horrores dos sofrimentos da Segunda Guerra; daí resultou uma metamorfose, que se vai realizando muito profundamente, tanto no campo material como no campo psíquico.

Mas é pouco provável que a refusão de uma nova filantropia científica e racionalista, se possa afastar das grandes linhas do *Ideal Clássico*, que está hoje infinitamente estabelecido na alma colectiva das novas gerações.

Alguns falam de um processo de «emburguesamento» do mundo soviético, em oposição a tudo o que fez a revolução cultural chinesa, na qual é difícil separar a acção fanática, o amor por um Ideal e o ódio puro e simples a toda a forma de europeização.

A xenofobia secular da raça amarela contra os brancos, tem sem dúvida animado mais a histeria colectiva que se apodera das jovens consciências chinesas, mesmo das crianças, impedindo a criação da compreensão bem clara dos mecanismos económicos das diversas civilizações.

O fim dos Soviéticos não é a proibição a qualquer cidadão de atingir um nível de vida superior, mas de dar a cada um a possibilidade de a poder atingir pelo seu próprio trabalho e valor, sem estar sujeito ao acaso das concorrências individuais, por vezes à custa de uns e outros, como é frequente no Ocidente.

Os Europeus Orientais procuram incontestavelmente atingir as mesmas vantagens económicas e materiais das pessoas das nações ocidentais, sobretudo da América do Norte que, para eles, representa uma obsessão permanente, uma espécie de «Anti-Ideal» paradoxal.

No entanto, as vantagens educativas e sociais, a segurança social comunitária que se procura para a juventude, que não tem qualquer meio privado para preparar livremente o seu futuro, dão-lhes uma consciência de superioridade sobre o mundo ainda qualificado de «campo ocidental», que a propaganda aproveita com grande resultado, para lhes mostrar que a situação de que gozam, em relação à dos seus contemporâneos ocidentais, é mais justa e mais invejável.

Os primeiros contactos com os visitantes estrangeiros, turistas ou profissionais, mesmo que sejam americanos, têm criado um clima de apreciação mútua, de possível compreensão, de que as diferenças das organizações sociais e políticas não são incompatíveis com o entendimento e mesmo com a amizade entre pessoas de formações culturais diferentes.

Ainda hoje, a riqueza das cidades ocidentais, a aparência da vida fácil e o bem-estar dos povos, incita pessoas de um e outro lado a solicitarem o «direito de asilo». Excursões de jugoslavos a alguns países vizinhos foram suprimidas, pois algumas vezes não voltavam metade dos efectivos das excursões.

Na entanto, não existe, na generalidade das novas gerações orientais um desejo de *ocidentalização* pura e simples, pelo medo da falta de conforto que sentiriam em face da mentalidade dos seus contemporâneos ocidentais. Existe ainda uma certa desincronização entre os dois mundos.

A aproximação entre os dois complexos do aspecto europeu, far-se-á mais por uma convergência natural dos denominadores comuns da *civilização europeia*, que se vai executando lentamente, do que por uma política de guerra, que não convém a qualquer das partes. As tendências psicológicas comuns, que caracterizam a raça branca, tomada em conjunto, apesar das suas variedades étnicas, conduzem a esta aproximação.

No seu ambiente afectivo actual, os povos orientais da Europa não desejam uma «liberdade absoluta», com todos os riscos que pode comportar, para o futuro individual; pois que receiam a iniciativa individual

não protegida, que se opõe a uma concepção do colectivismo, baseada sobre a necessidade de previdência social que, para eles, é impessoal, mas é absoluta e completa.

Os novos soviéticos sentem-se confiantes no seu futuro. Por outro lado, o avanço da segurança individual e social nos países ocidentais vai sendo tal, como sucede em Portugal, que as divergências, neste sector, como em outros, se vão atenuando e é legítimo acreditar num futuro entendimento entre os dois sectores, até que se possa realizar uma «Europa», do que esta parte do mundo tem precisão e para a qual a estão compelindo as concessões constantes de ordem social e política, em todas as nações que a compõem.

No próximo artigo estudaremos o «Fixismo ideológico» e o «Mobilismo das mentalidades».

DEFESA E LUTA CONTRA AS PERTURBAÇÕES PSICOLÓGICAS E MENTAIS DOS ESTUDANTES

Em 30 de Janeiro de 1962, o *Dr. Douady* fez uma comunicação na *Academia de Medicina de Paris* sobre as perturbações mentais que podem atingir os estudantes, de que a «*Semaine des Hopitaux — Informations*» — de Fevereiro de 1962, fez um resumo e que transcrevemos:

«Um terço dos estudantes, sujeitos ao esforço a que os obrigam as exigências actuais dos cursos, especialmente os que se preparam para exames, ou os que estão na proximidade de apresentação de trabalhos, tem necessidade durante o período escolar, de conselhos de ordem psicológica. Não se trata de doentes, mas é sobre estas pesosas, mais ou menos frágeis, que se pode exercer uma acção preventiva, por meio de conselhos apropriados, dados pelo médico escolar ou pelo médico familiar, nas ocasiões de dificuldades escolares ou afectivas. Destes, três por cento são escolhidos para serem acompanhados regularmente por médicos especializados e três por mil necessitam de hospitalização.

Procura das causas das perturbações mentais: — Em geral aparecem as dificuldades económicas; dificuldades de alojamento, acentuadas por um casamento precoce, e aumentadas quando vem um filho, dependências financeiras prementes em face dos pais ou o receio permanente de perder bolsas de estudo por reprovação nos exames. Em um *ambiente psicológico*, criado por aquelas razões ou por quaisquer outras, existe a insegurança, que provoca um *estado de ansiedade*, precursor de perturbações psicológicas.

Por entre os *factores de ordem escolar*, podem citar-se o excesso de população escolar, que cria o anonimato de um estudante perdido na multidão dos alunos dos liceus ou universidades, sem suporte moral dos professores, sob a acção traumatizante de certa forma de exames e da dificuldade de apreciação de certos trabalhos distribuídos a centenas de estudantes, cuja classificação é laboriosa para os professores e que dá muitas vezes origem a apreciação injusta, feita à pressa, pelo classificador.

Mas é necessário notar que muitos destes factores, que são suportáveis por muitos, influem muito nas pessoas impressionáveis, criando estados psicológicos, que podem ir até às perturbações mentais e ao suicídio.

Os *problemas sexuais* são também factores importantes, para a evolução destes estados. O *álcool* também influi, sobretudo nos estudantes, rapazes ou raparigas, que julgam que é *chic* beber-se muito. Os *estupefacientes*, que são um flagelo nas universidades de alguns países, são mais raros em França e ainda mais em Espanha e Portugal, salvo nas grandes cidades e, mesmo nestas, em alguns frequentadores de clubes nocturnos; aqui mesmo, a grande causa do início do vício é julgar que é *chic* usar a cocaína, a morfina, etc.; o espírito de imitação deste *chiquismo* é maior entre as raparigas do que entre os rapazes e devemos pôr em evidência que o primeiro sintoma da intoxicação pela cocaína é a perda da sensibilidade moral.

São as pessoas com alguns daqueles problemas que muitas vezes são auxiliadas ou salvas por camaradas amigos que os levam a consultar camaradas de alguma organização social ou o médico escolar. Este conselheiro permanente tem uma acção importante no seu futuro, auxiliando-as nas passagens difíceis da sua vida escolar.

Em muitas escolas, sobretudo em Paris e Estrasburgo, existem muitos «Gabinetes de Auxílio Psicológico», que concorrem útilmente na investigação dos casos de psicopatias e no seu tratamento. Deve no entanto afirmar-se que o facto de se tratar de pequenas modificações psicológicas, de *pequenos doentes*, não torna menos difícil a missão; pelo contrário, então é que é indispensável a presença de uma competência psiquiátrica, como conselheira, para estabelecer a terapêutica competente e «curar o doente». Em Portugal, a acção dos médicos escolares é muito útil; são porém poucos e há a necessidade de criar entre os alunos, auxiliares bons e inteligentes para investigar quais são estes pequenos doentes, e aconselhar-lhes a consultar o médico, acompanhando-os mesmo para vencerem a sua timidez, salvando-os de se tornarem de pequenos em grandes doentes e facilitando-lhes assim o completarem o seu curso. É uma grande manifestações de solidariedade e mesmo amizade e auxílio para o futuro.

Hospitalização: — Quando os conselhos não forem suficientes ao aluno que continua a andar na escola, há muitos casos em que nos vere-

mos obrigados a passar do «tratamento livre» para conselhos, para assistirem às sessões regulares de psicoterapia ou para hospitalização em casas de saúde, especialmente as apropriadas para estes casos. Reciprocamente, quando melhorados, poderá retomar-se o tratamento com vigilância e sessões de psicoterapia, simultaneamente com a continuação dos estudos.

Em França, os cuidados de hospitalização passaram a ser feitos, desde 1953 na «Fundação — Sanatório dos Estudantes Franceses» que desde o seu início criou para os estudantes tuberculosos, doze estabelecimentos, totalizando 1.500 leitos, de cura, pré-cura e post-cura, uns na região de Paris e outros nos Alpes. A assistência médica é acompanhada de uma organização escolar, com 80 professores residentes, sem outras ocupações, auxiliados por aulas de professores vindos das Universidades ou dos estabelecimentos de ensino próximos.

Esta organização correspondeu plenamente às necessidades dos estudantes tuberculosos franceses. Assim, sem poder prejudicar o seu papel na luta antituberculosa, a Fundação decidiu novas criações. Reservou aos estudantes com perturbações psíquicas, pavilhões situados em Sceaux, com 80 camas e em Grenoble, outra secção com 40 camas, que foi a origem da «Clínica George Dumas». As necessidades e os resultados obtidos levaram à criação, em Sceaux, de uma nova «Clínica Clérambault»; no fim de 1962 criou-se em Paris uma nova clínica, com 70 camas e a seguir outras clínicas em Rennes, em Estrasburgo e em Paris.

Vamos referir-nos aos resultados obtidos na «Clinique Dupré», de Sceaux:

Entre 1956 a 1961 foram ali tratados 300 doentes. À entrada, a sua história médica, compreendia importantes perturbações no comportamento: — delitos, fugas, tentativas de suicídio mas, sobretudo, queda vertical nos estudos de muitos estudantes, alguns até esse momento considerados como *brilhantes*.

A «origem escolar» dos doentes não confirmou as ideias preconcebidas que se poderiam ter sobre a predominância das psicopatias nas disciplinas abstractas, matemática ou filosofia; todas as outras variedades de estudos, fornecem também os seus contingentes.

Os «diagnósticos» são os mais variados na classificação da nosologia psiquiátrica, com uma grande proporção de psicoses ou de nevroses graves, muitas vezes ansiosas. É necessário lembrar que as perturbações ligeiras, são muitas vezes tratadas nas escolas, salvo nos casos de acção especialmente patogénica do meio, familiar ou outro.

Estas clínicas compõem-se de um médico-director, de psiquiatras, em «templo completo», assistidos por vezes de internos. O corpo de enfermeiros é geralmente numeroso, visto a necessidade de acompanhar de perto cada doente e a sua situação de, quase sempre, poder receber visitas.

A «terapêutica» utiliza sobretudo os tónicos, os anti-depressivos, frequentemente os tranquilizantes, sempre acompanhada de psicoterapia.

Pelo que respeita ao «contacto com os estudos», ele é assegurado, por exemplo, aos 80 doentes da «Clínica Dupré» por uma equipa de 15 professores, previamente iniciados para este trabalho particular, que consiste especialmente, além de ensinar, a exercer sobre os pensionistas uma tutela amigável, para os manter no trabalho, na medida exacta em que for aconselhada pelos psiquiatras.

Os doentes são autorizados, em uma grande proporção, a frequentar as escolas para a preparação dos exames, aos quais se apresentam bem, como testemunham, após 5 anos de experiências, resultados estatísticos que se podem classificar como inesperados; assim, em 1960, quando a clínica só contava 43 camas, 31 doentes foram autorizados a apresentar-se aos exames e 18 ficaram aprovados.

Claro que não pretendemos convencer os que, de entre muitos, não admitem que nos preocupemos em fazer continuar os estudos a doentes mentais; mas quem não diria a mesma coisa, há 30 anos, a respeito dos estudantes tuberculosos?

Após a saída dos doentes, dos quais a permanência média nas clínicas, é de 6 meses, estes devem ser acompanhados por um «serviço de assistência», como se fosse um serviço de convalescença, que é altamente útil se o doente continuar a ser assistido pelo mesmo médico que o acompanhou, desde a primeira consulta até ao dispensário. Este serviço de assistência ao doente dá resultados muito encorajantes e podemos já afirmar que uma proporção interessante dos «antigos» dos estabelecimentos médico-psicológicos para estudantes, são capazes, depois que a sua nevrose foi liquidada, de atingir, sem perturbações ulteriores, as diversas funções reservadas ao trabalho intelectual.

Certamente, o trabalho não é ligeiro; há riscos de recaída e casos em que os acidentes graves não desapareceram completamente. É preciso, em muitos casos, aplicar diversas *medidas de readaptação*, tais como facilidades temporárias de alojamento, quando se retoma a vida escolar normal, para o que são úteis os «lares» que há em muitas cidades, em que se devem dar instruções condifenciais aos directores dos «lares». Se se quiser prolongar a assistência, deve procurar-se emprego para estes antigos doentes.

Os resultados de uma experiência modesta e parcial, levam-nos a afirmar que as clínicas para nevroses e psicoses dos estudantes, mantendo os seus estudos, representam uma fórmula absolutamente inédita que suscitou o interesse dos meios psiquiátricos e escolares nos diversos países, particularmente nos Congressos Internacionais sobre a saúde mental dos estudantes, de Princeton (Estados Unidos) em 1956, com a assistência de 16 nações) e de Morat (Suíça) em 1961, com a assistência de 21 nações.

Readaptação: — Depois de se ter procurado reduzir, tanto quanto possível, o abandono escolar de alunos, causado por perturbações mentais, o trabalho de readaptação, consiste em procurar adaptar o antigo doente, realmente *diminuído*, a uma situação que lhe possa causar o mínimo de incidentes e de recaídas. Algumas vezes, apesar dos sucessos escolares, é necessário renunciar aos postos de responsabilidade, a que geralmente conduzem os estudos superiores. Esta tarefa torna-se muito difícil pela incompreensão da família e, outras vezes, pela resistência dos empregadores eventuais e para isso é necessário um enorme esforço de educação sanitária do público.

PROBLEMAS DE FILOSOFIA

O PAPEL DA RELIGIÃO E DA POLÍTICA NA FORMAÇÃO DA «PERSONALIDADE

A MARCHA DEMOGRÁFICA DO ISLÃO

XVI

Vamos continuar com o estudo das transformações por que têm passado as mentalidades cristãs e muçulmanas e na tendência para vencerem as antigas diferenças separatórias; nesta amalgama de relações que se está dando, vão-se fixando novas bases para a evolução da personalidade.

As diferenças demográficas no Islão, obrigaram os muçulmanos a várias metamorfoses, que atingiram as próprias raízes dos seus costumes.

A demografia diferencial do Islão

No conjunto do império muçulmano era extremamente difícil coordenar em uma comunidade, uma tão grande diversidade de povos e de culturas, em virtude da falta de coesão que existe entre as diferentes articulações de um conjunto étnico e geográfico tão disperso. Por isso, o império acabou por se pulverisar em grande número de estados.

Esta situação é muito comparável à da América latina, dividida em uma vintena de repúblicas, muitas vezes hostis umas às outras, apesar da igualdade da religião católica e da semelhança das duas línguas ibéricas. A América latina teve de se dividir, porque cada região é habitada por complexos raciais muito diversos, compostos por Semitas, por Hami-

tas e outras combinações europeias, por negros e por índios mongoloides, muito semelhante aos malaios. A mestiçagem ibérica teve até um papel biopsicológico extremamente comparável ao dos conquistadores árabes nos doze séculos anteriores.

Nesta grande pulverização em estados pequeníssimos, de difícil manutenção, temos de destacar o caso do Brasil. Este país enorme, com muitas raças autóctones, com regiões inteiramente desconhecidas, conseguiu aglomerar-se de tal maneira, apesar de várias guerras locais, que a organização do Brasil definitivo, com fronteiras firmadas, só pôde ser conseguida pelas qualidades políticas e guerreiras dos portugueses, que combateram intemeratamente pela conservação das fronteiras que tinham traçado; de uma vez foi necessário mesmo que os portugueses de Angola fossem travar batalhas no Brasil para a conservação portuguesa dos seus territórios, invadidos por holandeses e franceses. O Brasil é um motivo de orgulho para os Portugueses!...

Sabe-se que na Idade do Ouro do Império Muçulmano Intermediário, a religião Mahometana oferecia características notáveis para se adaptar a todos os meios, aos grandes senhores, aos escravos, aos militares e trabalhadores, às caravanas nomadas, aos sábios letrados e aos pobres primitivos enquanto, por outro lado, Jesus Cristo mostrava que era difícil aos ricos atingir o paraíso.

Não se podia falar em diferenças de classes sociais na fraternidade muçulmana; *um muçulmano valia tanto como outro muçulmano*, enquanto entre os cristãos, um não valia o outro; um cardeal não se comparava com um astrónomo, com um professor, um médico, ou mesmo um padre; uma madre de um convento era superior a qualquer mãe de família, etc.

Mas a decadência do mundo muçulmano, ia criar uma vintena de comunidades separadas no Médio Oriente, além das províncias da Sibéria ou da Rússia. O contacto com a Europa e a civilização ocidental ia provocar a formação de classes sociais e isolamentos profissionais, separados pela desconfiança e muitas vezes pela hostilidade.

O Islão, que era uma civilização cidadina, estendeu-se para os campos, mas criou antagonismos entre o aldeão apático, atrasado e o citadino pretensioso, que se julgava muito superior à classe dos aldeões.

No interior das cidades, formaram-se secções sociais; os nobres passaram a encerrar-se no seu grupo (como no ocidente) enquanto se ia criando uma pequena burguesia muçulmana, tentada pelo capitalismo e procurando conquistar o bem-estar da «Belle Epoque» de 1900, da Europa. Os seus estudantes (e mais tarde as estudantes) tornaram-se centros de reflexão social e política, frequentemente muito excitáveis,

como hoje sucede no ocidente (os grupos dos «Jovens Turcos», dos «Jovens Muçulmanos», etc.), sendo a Europa o grande cadinho da formação do novo carácter das personalidades mahometanas. — A Turquia foi o primeiro país a mudar oficialmente de fatos, de costumes sociais e até de alfabeto! Mas as outras nações, seguiram-a com relativa velocidade.

Em torno das cidades, instalou-se um verdadeiro proletariado, com mais desempregados do que trabalhadores classificados, acumulando-se, como em todos os países subdesenvolvidos, em barracas miseráveis.

A maior parte das «medinas» ou dos bairros semieuropeizados, quando não foram planificados antecipadamente por uma administração inteligente (como a de Lyautey em Marrocos), formaram aglomerados de edifícios sem ordem, agrupados no oriente em corporações separadas, verdadeiros clans, em conformidade com uma segregação étnica ou religiosa (Coptas, Judeus, Levantinos, Gregos, etc.).

O fellah adopta-se mal à cidade; os jovens tornam-se facilmente delinquentes, ladrões, praticando assaltos, para viverem e caminhando para uma desagregação social e moral, como actualmente se vem verificando nas juventudes não só da Europa, mas que se vai alargando a todo o mundo.

As classes abastadas, abandonam as suas antigas medinas para se refugiarem junto dos europeus e este foco de atracção está desnaturando as tradições. Constroem-se mais cinemas do que mesquitas; todos querem comprar um automóvel e há mais desejo de ir a Paris do que a Meca...

Metamorfose demográfica do Islão

A intrusão biológica da Europa no seio da miséria fisiológica do mundo islâmico dos últimos séculos, provocou a transformação demográfica mais espectacular que nunca sofreu o Islão nos seus povos.

No tempo da «Idade de Ouro», o Imperio Mahometano era essencialmente concêntrico em volta do Mediterrâneo, verdadeira transposição da Grécia Antiga, de que os tipos raciais populares idênticos iam aumentando, desde a Ásia Menor à Turquia, enquanto os Romanos, simples administradores do Próximo-Oriente, não tinham deixado praticamente nenhuma influência étnica.

O Egipto, que teve na antiguidade, cerca de 7 milhões de pessoas, só tinha em 1800, cerca de 2,5 milhões. O Maghreb (Líbia, Tunísia, Argélia e Marrocos) não tinha no fim do século XIX mais de 5 milhões, com 9 % de mortalidade infantil e com uma população miserável.

Até há pouco tempo, os Kabilas, Berbères, Beduinos e Tuaregs, islamizados ou não, não paravam de se destruir em combates constantes;

eram raros os herbéres que não morriam antes dos 40 anos, de morte violenta.

As condições da vida nomada impunham restrições que confirmavam as leis de *Malthus*. Os oasis são como ilhas ou ilhéus no oceano dos desertos; o nomadismo contraria a densidade humana; quando há super natalidade, a falta de pastagens necessárias ao aumento do gado, bem como de alimentação humana, obriga a lutar, a razias para posse de terrenos, sobretudo a seguir a anos de seca, com morte dos gados; quando não era possível conquistar oasis ou terras, os povos eram obrigados a migrações que, por seu turno, eram origem de novas guerras e invasões.

Até à intrusão europeia, as tribos seminomadas, estavam quase sempre em estado de guerra, no fim do Outono, sobretudo, quando desapareciam as culturas. Do interior da Argélia até ao Atlas Marroquino, as tribos viviam em um estado de guerra perpétua, de morticínios e de razias.

Os muçulmanos da Ásia, cujas condições de vida não eram muito melhores, nas regiões fronteiras do Afganistão, do Irão ao Alto Paquistão, estavam constantemente infestadas de bandos armados. Os muçulmanos da Índia sofriam da hostilidade ou do ódio das outras comunidades, sobretudo dos Sikks; constituíram-se pequenas comunidades muçulmanas que se estabeleceram, longe da sua pátria religiosa, na Ásia das monções e na África negra. A filosofia amável dos Budistas e o pacifismo dos Malaios facilitaram a coexistência; como os comerciantes chineses, os muçulmanos traziam para o seio das populações do sueste asiático, actividades de grande valor.

Pelo que respeita à África, antes da descoberta pelos portugueses e da colonização europeia, os muçulmanos tiveram um grande papel civilizador, tendo assimilado muitos negros à sua religião e ao seu sangue; os negros semitizados, nilóticos, sudaneses, etc., perfeitamente adaptados aos seus países, tornaram-se os senhores negros da África; calcula-se que atingem agora cerca de 35 milhões. Incluindo os povos negros islamiçados, a África Negra, tem mais de 70 milhões de muçulmanos.

Este estudo, talvez um pouco circunstanciado, tem muita importância para se concluir sobre as origens complexas e afastadas que influíram na formação actual da personalidade dos portugueses, povo que tem, mais do que nenhum outro povo, uma grande facilidade para se adaptar aos outros povos e para, também com facilidade, os assimilar, trazendo-os para o convívio com o seu país. A nossa acção em África, em comparação com a dos outros povos europeus ou americanos, é a demonstração dessas qualidades.

Por isso, na Índia, os portugueses têm hoje mais partidários do que talvez durante a existência da Índia Portuguesa, pois que ali os índios se sentiam connosco em uma pátria comum e tinham um bem-estar rela-

tivo; hoje sentem a miséria e a fome e os seus ordenados foram reduzidos a terça parte do que ganhavam quando eram portugueses. Por outro lado, a administração portuguesa era mais justa e suave do que a desumana administração indiana, povo que não sabe nem nunca soube assimilar os outros, como mostra a extrema divisão dos povos da Índia, onde ainda hoje, a única língua comum é a inglesa.

A intrusão biológica da Europa no seio da miséria fisiológica do mundo islâmico, nos últimos séculos, provocou uma transformação demográfica, a que já nos referimos, como nunca tinha sucedido no Islão. A introdução da medicina moderna, da higiene e de todas as inovações técnicas e profissionais, abalaram todos os costumes que se transmitiam desde a Idade Média. Assim realizou-se uma verdadeira

Explosão demográfica do Islão

Graças à «protecção francesa, a Tunísia passou de 1 a 3 milhões de habitantes e Marrocos de 3 a 10 milhões; em 1830 a Argélia tinha 1 milhão de habitantes e quando a França a abandonou já tinha 9 milhões. — O Egipto, de dois e meio milhões há 150 anos, passou em virtude do auxílio e do progresso promovido pela Europa, a 20 milhões, tornando-se um dos países mais superpovoados do mundo, em relação à sua estreita facha de terra fértil, de um e outro lado do Nilo; e hoje, o que parece impossível, é antieuropeia! — A Turquia, com os seus 30 milhões militarizados à europeia, forma hoje um bastião de forças armadas, com que tem de se contar.

O conjunto da península árabe e dos países do «crescente fértil» excede actualmente 23 milhões de habitantes. A Pérsia ultrapassará em breve os 20 milhões e o Afeganistão, cerca de 15 milhões.

Pelo que respeita aos muçulmanos da Rússia Soviética, com o Turquestão Oriental, calculam-se em 30 milhões (o que representa cerca de 15 por cento da população soviética) o número dos adeptos «teóricos» do Islão. As deportações maciças, as misturas com as populações europeias (um quarto de eslavos no Turquestão) e o desaparecimento completo de algumas províncias (Turcos da Crimeia), desfiguraram naturalmente e completamente a hegemonia dos descendentes dos Mongoes, como queriam os russos.

O particularismo das 6 repúblicas federais (Uzbekistão, Turkmenistão, Tadjikistão, Kirghizistão, Kazakstão, e Azerbeidjan) e das 3 repúblicas autónomas (Tártaros, Bachkires e Daghestão), foi reduzido somente à manutenção da cultura artística e literária (nos dialetos locais) e do teatro folklórico, por orientação dos russos.

A mão de obra russa, como no Próximo-Oriente, beneficia com as imensas bacias petrolíferas e, como na Turquia, os «turcos soviéticos» têm tido uma expansão fulminante da agricultura.

Sabemos que o Turquestão Oriental (com cerca de 5 milhões de habitantes) é uma província da República Popular Chinesa; não é possível ter neste país, uma ideia aproximada da distribuição dos antigos povos muçulmanos, que deveriam atingir cerca de 30 milhões.

Mas o verdadeiro «milagre demográfico» do Oriente, deu-se no Paquistão e na Indonésia.

O domínio inglês estendeu-se sobre cerca de 100 milhões de pessoas nestes países; os índios muçulmanos eram sem dúvidas os mais desfavorecidos da filosofia muçulmana, isolados como estavam nas populações maioritárias que os cercavam. No momento da independência da Índia e da formação de um Estado duplo Paquistânês, as enormes transferências de populações, perseguidas pelos índios, fizeram com que cerca de 15 milhões nunca tivessem podido atingir a sua nova pátria. Os êxodos maciços tomaram aspectos catastróficos; pelo que respeita às massas indús, expulsas dos dois Paquistãos, formam na Índia, um dos problemas mais desastrosos e trágicos dos refugiados de todo o mundo; ajuntam-se nas ruas das grandes cidades, em grupos que, no total, atingem milhões, que vão morrendo em uma miséria fisiológica e cerebral pavorosa. G. Dingemans, de quem recebemos os elementos para este estudo, diz que a visita que fez a estes desgraçados lhe deixaram a impressão de uma das mais atrozes visões de tudo quanto tem visto no mundo.

Não se sabe hoje se 20 a 40 milhões (com o crescimento demográfico) de muçulmanos tiveram a possibilidade de sair da Índia. Entre tantas diversidades políticas, linguísticas e étnicas, a unidade do Islão na Índia só assenta na comunidade de religião.

Depois da reacção provocada pelo movimento político dos «Jovens Turcos», foram igualmente os jovens estudantes muçulmanos de Oxford que conceberam, em primeiro lugar, a ideia de um Paquistão independente, exclusivamente mahometano; com os seus 100 milhões de habitantes (e apesar do enorme desequilíbrio entre a sua rica província do ocidente e a mais desfavorecida do oriente) o Paquistão forma uma nação vigorosa, já conservadora. Esta é uma demonstração da vitalidade do nacionalismo muçulmano.

Não tendo cortado as suas relações com a Commonwealth britânica, apesar da atitude dos britânicos para a Índia, as suas cidades modernizadas e a sua agricultura, facilitada por uma boa rede férrea, colocam este país à cabeça das potências muçulmanas.

A Indonésia, com os seus 80 milhões de muçulmanos, em simbiose com os Budistas, forma a segunda massa muçulmana do Extremo-Oriente que, desde a era europeia, mostrou a verdade da lei de Malthus nas populações em crescimento geométrico. Com efeito, diz-se que os agricultores e pescadores da Indonésia antiga podiam atingir um milhão; a infiltração muçulmana estendeu-se para o sul dos arquipélagos filipinos e para Malásia, onde três milhões de Mahometanos formam um grupo

importante em relação à população chinesa (sobretudo em Singapura) no Sião e na Birmânia budista. Em uma escala mais pequena, este corredor muçulmano sofre da mesma preocupação da intervenção estrangeira, que amedronta, sobre um território mais largo, os países, apertados entre a pressão soviéticas e as pretensões ocidentais.

A Pérsia chiita, igualmente preocupada pela sua posição entre os rudes e pertinases montanhese afgãos e os Kurdos não assimilados dos confins do oeste, sente-se também isolada pelos traços essenciais do seu sisma. Esta situação põe em evidência o sentimento nacional persa, a sua alma orgulhosa e muito susceptível, que teve sempre uma veneração fanática pelo martírio.

Antigamente todos estes fenómenos passados entre Persas, paquistaneses, afgãos, arbedjaneses, etc, tinham para nós, o interesse dos contos orientais; com as facilidades de movimento de hoje, em que não há distâncias nós, quer queiramos ou não queiramos, estamos nele envolvidos, ou directamente nas nossas províncias ultramarinas ou indirectamente. Por isso, este estudo, tem muita importância.

Vamos continuá-lo estudando o aspecto do problema dos muçulmanos da Europa e do além-mar.

CURIOSIDADES

Aumentam os perigos da poluição do ar — Antigamente, os perigos que se assinalam só existiam quando não eram devidamente utilizadas as estufas de carvão e o gás comum para serviços domésticos. Hoje, contudo, há ainda a combustão de petróleo e seus derivados que produz quantidades consideravelmente maiores de monóxido de carbono.

Os automóveis, principalmente, e as calefações a óleo são os principais factores que provocam o viciamento do ar nas grandes cidades. As vias respiratórias e os pulmões afectados por esses gases de escape têm de suportar ainda, no caso dos fumadores, o efeito pernicioso do fumo dos cigarros. Conjugados os dois factores, eles constituem, na opinião de cientistas, confirmada por experiências positivas, um grave perigo para indivíduos de constituição fraca.

Dois médicos alemães, que se têm dedicado afincadamente ao estudo do problema crucial, os drs. Faerber e Landman, submeteram a diversos exames numerosos grupos de crianças e adultos da região do Ruhr, centro de intensa actividade da indústria pesada alemã.

Verificaram esses médicos que os casos de bronquite são muito mais frequentes entre as crianças nas cidades industriais do que na zona rural. Observaram, também, a existência de uma relação positiva entre as precipitações atmosféricas e o fumo e as mortes resultantes de bronquites.

O mesmo se verifica ainda no respeitante a inflamações dos olhos, a doenças das vias respiratórias e ao bom funcionamento dos pulmões.

Quanto ao cancro pulmonar, coincidem opiniões de cientistas de vários países, alemães, russos, ingleses, franceses, japoneses e, mesmo, americanos, de que os gases de escape dos automóveis são, talvez, muito piores, como agentes estimuladores do desenvolvimento da doença do que o fumo do tabaco — que, aliás, em nada beneficia a saúde dos fumadores.

ESTUDOS DE PSICOLOGIA

Já temos tratado, nos números anteriores, de problemas psicológicos, da medicina psicossomática, neuropsiquiatria infantil, psiquiatria dos doentes de fígado, etc.

Segundo *H. Wallon*, na «Introduction à l'étude de la vie mentale», o «*Objecto da psicologia é o estudo concreto de uma realidade mental concreta*», afirmação que desenvolve dizendo que o que a psicologia deve estudar é o «homem concreto» e não a entidade formal, que com bastante frequência se divide ainda em faculdades ou em actividades sem objectivo definido».

Desde a sua infância o homem vai-se completando até chegar à maturidade de adulto, em uma transformação muito mais longa do que em todas as outras espécies animais. Em cada fase desta progressão, a sua conduta e pensamento são modificados pelo aparecimento de actividades novas e de funções que são sucessivamente modificadas por novas funções, as quais determinam uma nova modalidade de conduta do indivíduo.

As funções psicológicas não têm portanto uma realidade firme, mas sim uma realidade em transformação, em relação com as circunstâncias e a actividade da pessoa, com o seu meio, a sua profissão e com todas as exigências da sua vida, que a vão transformando.

Depois dos períodos de formação e de pleno exercício vem o período de declínio, mais variado ainda do que os outros; às vezes este período é rápido e global, principalmente quando a pessoa deixa de exercer súbitamente a sua actividade mental, sobretudo as responsabilidades (caso do limite de idade, prisão demorada, doença com longo período de inactividade, etc.), mas, ainda susceptível de ser retardado pela prática de antigas obrigações e por hábitos adquiridos ou ainda por novas actividades que se estabelecem, o que é muito desejável.

As funções não envelhecem simultaneamente; o enfraquecimento de umas podem deixar o campo livre a outras que, até essa altura, estavam mais ou menos comprimidas. Sucede mesmo que certas actividades se tornam capazes de se desenvolverem por si próprias. As obras da velhice de alguns grandes artistas estão longe de serem inferiores às obras da sua idade madura; menos carregadas de contingências várias, são uma expressão mais livre e mais pura do seu génio, resultantes de um período em que a pessoa, livre de outras obrigações, melhor se pode concentrar na realização das suas aspirações ou das suas predilecções.

Quando estudamos o «Homem» referimo-nos geralmente ao «Homem em geral», o que não tem realidade; os homens têm de ser comparados na totalidade da sua vida mental. A unidade da natureza humana não é uma entidade *á priori* onde os elementos mais heteroclitos podem estar lado a lado; os homens são diferentes e é indispensável investigar, para

se obterem conclusões, através de que vicissitudes se realiza a unidade de grupo, ou se chega à unidade total.

Pelo que diz respeito à *análise*, esta deve também proceder dos factos e da experiência. Não deve ser abstracta, nem fazer da psicologia uma dependência da lógica; a «análise psicológica» consiste na comparação dinâmica das funções entre si, no exame das suas relações estruturais, na investigação das suas correlações e também na comparação de cada função consigo própria, no decurso da sua evolução e conforme as suas motivações de actividade.

Temos porém de distinguir os casos patológicos dos casos normais ou ainda dos médios. Foi sem dúvida em França, onde o estudo da patologia mental foi mais largamente utilizado em psicologia, que Claude Bernard apresentou as experiências do fisiologista como um meio de produzir artificialmente as mesmas perturbações que se manifestam na doença e, por consequência, dominar-lhe as causas. É no entanto indispensável, como dissémos, entrar em consideração com as qualidades pessoais do indivíduo em quem se fazem as experiências, para se poder avaliar sobre os resultados.

O estudo concreto da vida mental, fundado em comparações muito extensas, no homem e nos animais, deve procurar descobrir os conjuntos a que está ligada a manifestação psíquica em causa e de que acções é resultante. O estudo concreto da vida mental é levado a considerar a «realidade» a partir de pontos de vista muito variados; e é útil estabelecer como preâmbulo, um exame dos métodos que são também bastante diversos e que a pouco e pouco se constituíram, quer em contacto com as outras ciências, quer sob a pressão de necessidades técnicas ou outras que a psicologia necessita esclarecer.

Por esta rápida exposição se conclui quanto de complexo e apaixonante é o estudo da psicologia humana, ponto de partida e para se compreenderem as reacções das pessoas, dos grupos, das sociedades e das multidões, para se estudarem os meios de evitar e contrariar as perturbações psicológicas provocadas em um certo meio, que depois atingem todos os outros. O que se está passando no mundo actual é o exemplo dessas perturbações, que vão das pessoas até às sociedades nacionais, atingindo depois as internacionais e que passam a actuar depois, por um caminho inverso, até atingir novamente os indivíduos, provocando as perturbações psíquicas e físicas de que o mundo sofre.

Por isso iremos desenvolver o estudo destes problemas, começando pelo esclarecimento do que é um facto psíquico.

O que é um facto psíquico?

Para melhor definir o que designamos por «facto psíquico», baseamo-nos na definição, apresentada por *Hannequin* na sua *Introduction a l'etude de la psychologie*.

No sentido rigoroso do termo, o «facto psíquico» é um fenómeno do espírito ou da alma, um facto mental, interior, apreensível só pela consciência do ser em que se produz. E, verdadeiramente, esta cultura característica, traz implícita todas as partes; só ela define bem e só ela basta para definir o «fenómeno psíquico».

Com efeito, este fenómeno escapa essencialmente às condições de exteriorização e por consequência não pode ser visto do exterior; inteiramente interior no ser que o sente, só nele existe, só por ele é observável; tal é, por exemplo, a dor. Só o indivíduo, quer seja animal ou homem, que sofre, sente a dor, que escapa a qualquer outro; e não existe meio para uma qualquer consciência penetrar em uma outra consciência, sofrer as suas dores, sentir os seus sentimentos ou pensar as suas concepções e ideias.

Pode-se contudo considerar que um fenómeno exterior, mesmo que tenha uma realidade e uma face interna que não podemos apreender, não tem para nós outras qualidades além daquelas que nos aparecem e que são manifestações suas. Directamente, só apreendemos o nosso Eu, que escapa a qualquer condição de extensão ou de espaço, do exterior; apreendemos os objectos necessariamente separados de nós, diversamente

CURIOSIDADES

Os ruídos, o ouvido e a civilização — Como não podmos fechar os ouvidos, como fechamos os olhos, estamos sempre, mesmo sem o querer, sujeitos à recepção de informações ou de ruídos que nos não deixam raciocinar. O ouvido das pessoas civilizadas é muito inferior ao dos povos primitivos; a valorização do estímulo sonoro depende em grande parte do momento psicológico. O ruído é incómodo quando o estado de espírito da pessoa não está em concordância com o estímulo acústico no próprio momento.

Os jovens de hoje, contra todos os princípios da defesa da audição, habituam-se a estudar, tendo como fundo um ruído do aparelho de rádio, o que diminui a sensibilidade auditiva. Em outras pessoas, a formação de cerúmen nos ouvidos, diminui esta sensibilidade e é um caminho para a surdez.

O problema dos emigrados portugueses em França — A emigração portuguesa em França é a que tem uma proporção mais elevada, o que se atribui à facilidade de aprendizagem da língua e à facilidade em obter trabalho não especializado. A «Semaine Medicale Professionnelle et Medico-Sociale», acaba de publicar um estudo sobre a emigração dos portugueses, que transcrevemos:

Importância da emigração portuguesa

A emigração dos portugueses para França pasou, de 10.000 em 1961 para 30.000 em 1963 e 47.330 em 1965. Com efeito, a grande corrente migratória, tradicionalmente dirigida para o Brasil, orientou-se, depois de 1962, de preferência para a França.

(Continua na pág. 548)

localizados no espaço. Todos os fenómenos observáveis se dividem em duas categorias bem distintas: — Fenómenos que são essencialmente *nossos*, que só a nossa consciência apreende, que são os «*fenómenos psíquicos*», e a multidão de outros fenómenos, que naturalmente estão ou, em qualquer caso, se colocam fora de nós e que todas as consciências diferentes da nossa, as dos outros homens ou dos animais, podem da mesma forma apreender. São os fenómenos que nos são exteriores que pertencem à natureza daqueles que se poderiam chamar «*fenómenos físicos*».

No próximo artigo iremos referir-nos ao *campo da psicologia e ao problema da introspecção*.

Estas considerações genéricas que acabamos de fazer, são necessárias para se compreenderem os problemas da psicologia, a *introspecção*, a *extrospecção*, a *experimentação* e a *psicanálise*. Posteriormente estudaremos a *constituição do indivíduo*, *carácter e temperamento*, *classificação dos factos psíquicos*, e *as reacções automáticas, afectivas e intelectuais*.

Como este artigo já vai longo, continuaremos a tratar deste problema no próximo número.

CURIOSIDADES

(*Continuação da pág. 547*)

O número total dos portugueses em França passou de 33.951 em 1959 a 150.691 em 1967.

A Prefeitura do Sena fez um estudo social sobre os portugueses em França, cujos resultados publicamos:

Em 1963, 54,7 dos emigrantes portugueses tinham chegado em 1962 e 1963. A importância crescente da emigração clandestina era representada por 25 % em 1958, 44 % em 1960 e 54 % em 1963. No departamento do Sena, (região de Paris) a percentagem dos clandestinos é de 67,1 %. O estudo foi feito sobre os residentes neste departamento.

A maioria dos trabalhadores é composta por homens casados, que deixaram as suas famílias em Portugal — 78 % trabalham na construção civil (em que a semana de trabalho é de 48 horas no Inverno e, frequentemente, de 60 horas no Verão) e 4 % apenas na metalurgia. O seu nível de vida é muito baixo, porque, por patriotismo e amor de família, enviam a maior parte do salário para a sua família. A maior parte vive em barracas, em «*bidonvilles*».

Só 22 % estão contentes com a sua situação. 77 % declaram que o seu alojamento era muito melhor em Portugal, que aqui tudo é muito caro. Só 36 % desejam «*aguentar*» até se poderem estabelecer definitivamente em França; a ambição dos outros 67 % é amealhar o suficiente para realizarem os seus planos, de volta às suas terras, para construírem uma casa melhor, comprarem qualquer terreno que desejem e viver no seu meio, com a sua família e os seus amigos, onde a vida se aproxima mais da vida relativamente feliz, ainda que com menos dinheiro, que se vive em Portugal. O clima, e as dificuldades de alojamento e alimentação, que tem em França, é tal que a sua ambição é voltar, depois de terem reunido o dinheiro de que precisem para pôrem em prática o plano que os levou a emigrar.

A RACIOLOGIA E OS PROBLEMAS DO «RACISMO»

II

Já no último número nos referimos à complexidade deste problema e das complicações que estão já surgindo em todo o mundo, o que deu origem à formação de uma nova ciência — A Raciologia — que, ainda de recente formação, está já interessando os sociólogos, os psicólogos, os educadores e, sobretudo, os homens que têm de administrar as nações.

Definição da raça humana

Segundo R. Martial (*La Race Française*, pág. 217) denomina-se «Raça», um conjunto de povos de que caracteres psicológicos latentes ou manifestos (particularmente a linguagem) e as características antropológicas constituem no tempo (história) uma entidade distinta.

Uma «raça» representa um certo agrupamento restrito de indivíduos biologicamente idênticos e com características hereditariamente permanentes. Este grupo constitui um «facto zoológico» que, segundo Pittard se define por caracteres externos visíveis, mas que tem sem dúvida uma base anatómica e fisiológica e que apesar de apresentar algumas variantes, estas permanecem estáveis no mesmo grupo sanguíneo. Mas a dificuldade de escolher os critérios morfológicos próprios para servirem de factores de referência para limitar um *tipo racial*, é desconcertante. O conceito de raça é, sobretudo, de natureza intuitiva e sintética (E. Collot).

Uma definição racial, deve basear-se sobre o «genotipo». As características somáticas adquiridas, derivadas da influência do meio ambiente, ainda que possam diferenciar uma etnia, de uma maneira muito espectacular, não devem ser consideradas como critério racial, porque não foram hereditárias (um exemplo é o «facies norte-americano», que parece constituir um denominador comum a pessoas das mais diversas origens, mesmo de origem negra-africana).

O «facto racial»

N. Lahovary escreve no seu livro «Os Povos Europeus», o seguinte: — Por «Raça» compreendemos uma colectividade humana de que os caracteres físicos comuns transmitidos hereditariamente, são mais numerosos e significativos do que as dissemelhanças. Estas analogias físicas condicionam um comportamento mais ou menos similar e tendências psíquicas que, no conjunto, são semelhantes. A sua expressão será no entanto bem mais variável do que os caracteres físicos, pois que depen-

derá da interacção das aptidões e tendências de cada colectividade e das diversas influências históricas e geográficas a que tiver sido sujeita. A variabilidade individual será, de resto, tanto maior quanto mais adiantada for a civilização e mais evoluída a raça; a influência da raça, será tanto mais directa quanto mais primitiva for a sociedade. No entanto, esta variabilidade individual exprime, por si própria, a elasticidade e as possibilidades de desenvolvimento da raça respectiva».

Uma prova efectiva do «facto racial» é que, depois da idade neolítica, desde a aurora das civilizações pré-históricas ou mesmo das preexistentes, verifica-se uma fixidez relativa dos tipos humanos, que ainda hoje conservam os seus «traços distintos» (Veja «The Races of Europe», de C. Coon); e temos de considerar, paralelamente, «as tendências intelectuais», o temperamento e as inclinações das diversas raças, assim como as suas aptidões, que só mudam lentamente, no decurso dos séculos.

Um diagnóstico racial (diz Lahovary) é, até certo ponto, um horóscopo; existe uma fatalidade etnológica ou mesmo histórica (*povos mediterrâneos*, criadores de civilizações pacíficas, urbanas, de comércio, artísticas e *povos do norte*, guerreiros e aventureiros, animados do espírito de inovação).

Expressão dinâmica da «Raça»

Todas as raças, afirma Bouthoul, são combinações de caracteres físicos relativamente estabilizados, mas sempre instáveis (Tratado de sociologia). As teorias raciais assentam em grande parte na hereditariedade das aptidões e têm tendência para afirmar a existência de relações necessárias entre os caracteres físicos e as aptidões mentais dos indivíduos. Mas, para *Cornejo* «a unidade étnica é a menos fixa e a mais vaga das unidades». Ela muda de extensão e de forma, segundo o ponto de vista sob a qual se considera. Na raça, há um movimento duplo; um, de «formação», que é devido às condições permanentes da situação geográfica (mantidas, quando há isolamento) e o outro, de «transformação», que é o efeito do crusamento e da acção do meio social. Ora estes dois fenómenos, coexistem em todos os momentos, e é por isso que uma raça não apresenta nunca caracteres perfeitamente definidos.

Bouthoul nota que «as nossas aptidões congénitas, não significam nada, por si próprias; só o meio social e de educação é que lhes fornecem o seu campo de aplicação e o seu conteúdo; e conclui: — A história distingue os principais modos de adaptação:

- 1 — A adaptação passiva e orgânica, fundada na sobrevivência do mais apto.

- 2 — A *adaptação activa*, pròpriamente humana. Em primeiro lugar, a técnica, que se esforçará por *criar* condições de existência e um *meio novo*.
- 3 — As *instituições*, que vão canalizar, em uma larga medida, as novas actividades.

Seleccção racial

As mudanças de meios geográficos ou climáticos, não transformam nem os animais nem as plantas. A fauna e a flora não se adaptam a novas condições de vida; a sua fixidez é essencial; se o ambiente do meio se transforma, elas acabam por desaparecer.

A evolução dos seres vivos é condicionada pelas mutações genéticas. Os novos produtos morrem ou mudam, conforme são ou não compatíveis com o meio físico (é a selecção natural de Darwin).

O mesmo se dá com o homem que, além das suas aptidões funcionais, tem ainda particularidades psíquicas. Ele pode assim, graças à sua inteligência, ao seu espírito de observação e à sua previdência, procurar a maneira de viver que melhor lhe convenha no local, ou então fabricar artificialmente os meios em que tem de viver. — Assim, foi criada a casa, o fato, o emprego do fogo, etc.

Os paralelismos da morfologia e da cultura são notáveis, diz Lahovary, se as condições geográficas não forem dissemelhantes. A um mesmo tipo físico, correspondem, verdadeiramente, reacções psíquicas e manifestações espirituais análogas. «Os indivíduos pertencentes a raças diferentes, têm reacções igualmente diferentes e as suas aptidões variam».

Em referência ao meio social, não só podem variar as proporções dos respectivos tipos raciais, mas divergirem de tal forma, que podem ser mesmo invertidas. A mestiçagem só faz tornar os problemas mais complexos, criando novas unidades psicossomáticas; mas na Europa, em virtude de vários critérios sociais limitativos e dos factores de simpatia e de afinidades admitidos pela quase generalidade dos povos na escolha dos noivos, acontece que, muitas vezes, uma raça se substitui à outra ou que tipos diferentes vivam conjuntamente; estes tipos, mesmo em caso de mistura, reaparecem regularmente, por atavismo genético.

Raças e escolha do meio

Lahovary nota ainda que «há assim, para cada raça, tendência para uma unidade de civilização, de clima e de meio geográfico, fora mesmo dos limites das fronteiras e das línguas».

«Esta tendência pode ser considerada, como uma condição de estabilidade necessária e de duração, que cada raça tem o desejo instintivo de realizar, para poder manter-se no quadro que melhor se adapte ao seu temperamento e às suas atitudes».

Estas observações têm muita importância. Temos verificado a que ponto, nas Américas do Norte e do Sul, na Austrália, e na Nova Zelândia, os descendentes de uma étnia característica da Europa, foram-se estabelecendo exactamente de forma semelhante ao dos seus antepassados na sua mãe-pátria; os tipos alpinos procuram as regiões montanhosas de um país, os atlanto-mediterrâneos procuram mais a beira-mar, os tipos íbero-insulares acumulam-se mais nas cidades (apesar dos espaços disponíveis nas terras) e os tipos germano-nórdicos ou eslavos vegetam, isolados nas imensas planícies, apesar do apelo que fazem as indústrias.

É pois muito fácil estabelecer um paralelismo entre a distribuição dos grupos sanguíneos, a morfologia, as classes sociais e as aptidões profissionais espontâneas, que lhes estão ligadas. Da mesma forma, descobrir-se-ão as tendências características concomitantes.

Pode pois concluir-se por um *determinismo racial*, apesar de todas as susceptibilidades políticas ou filosóficas. No entanto, seria absolutamente anticientífico, falar de raças «superiores ou inferiores», porque cada uma das faculdades humanas pode ser apreciada diferentemente segundo o fim actual que lhe pode ser atribuído.

Por exemplo: — Os elementos nórdicos são menos inclinados para a vida urbana e industrial do que os elementos pigmentados. As regiões húmidas, baixas e florestais, são o apanágio dos tipos europoides orientais; os germanos preferem-lhes as planícies mais abertas e nas Américas do Norte e do Sul, na Austrália e na Nova Zelândia, «equivalente psicogéneo» — os oceanos — o que lhes dá a tendência dos nórdicos, para navegadores.

Definição de «Etnia»

Os estudiosos consideram a «raça» e a «etnia», sob bases diferentes, Onutandon diz que se a raça é um conceito somático, a «nação» é um agrupamento político e a «nacionalidade» um grupo natural, definido pelos seus caracteres somáticos, linguísticos e culturais.

Se aceitarmos o princípio da existência de uma «raça», como sendo um isolamento biogenético, o grande problema é o de saber se há raças superiores ou inferiores. De facto, as raças são diferentes, o que se verifica não só pelas cores, mas igualmente, dentro da mesma cor, há raças diferentes; por exemplo, um mediterrânico, um nórdico ou um alpino, são da mesma cor, mas têm traços fisionómicos diferentes, bem como os caracteres emotivos ou intelectuais.

Alguns são de opinião que os homens deviam ser classificados em «etnias» e não em «raças».

Como os leitores verificam, o problema, de grande importância, tem aspectos muito diversos. Vamos pois, no próximo número continuar a estudá-lo, principiando pelo estudo «O futuro de uma raça».



o Sabonete Sanoderma

está indicado:

Quando a pele é seca e despolida.

Quando a superfície da pele é descamativa.

Quando se irrita com facilidade.

Quando haja herpes.

Quando haja eczema.

Quando haja empingens.

Quando haja botões de irritação da face.

Quando se formem pequenas vesículas de pús em qualquer ponto da pele.

Quando haja muitas «espinhas» na pele.

Sempre que se queira conservar um aspecto macio e aveludado da pele.

Nos banhos das crianças, cuja pele se irrita facilmente, sobretudo com a urina.

O Sabonete para a barba mais recomendável é o SANODERMA, porque:

1.º — Amacia a pele.

2.º — Elimina as irritações produzidas pelas poeiras, eczemas, etc.

3.º — É muito espumante e agradável.

UM PRESENTE ÚTIL E ECONÓMICO

para ANIVERSÁRIOS, NATAL, PÁScoa, ETC.

pode fazer-se com sabonetes *Sanoderma*

que, além de serem bem apresentados em caixas de 6 ou de 12 e de formato normal ou duplo, são bem perfumados e transformam a pele áspera em macia e aveludada. Por isso são muito úteis também para o banho dos adultos e, especialmente, das crianças.

Grandes descontos para os Ex.^{mos} Médicos

| | Preço normal | Para Médicos |
|---------------------|--------------|--------------|
| Formato duplo | 5\$50 | 3\$50 |
| | 9\$50 | 6\$30 |

A

NEOCICLINA VITAMINADA

**Satisfaz as 4 condições de uma
boa preparação antibiótica:**

- 1.º — EFICÁCIA — Nível circulante óptimo no plasma.
- 2.º — PREVENÇÃO — Previne as alterações na flora intestinal, pela associação das vitaminas.
- 3.º — COMODIDADE — Permite, com uma só aplicação, uma medicação polivalente.
- 4.º — GARANTIA — Não contém quaisquer produtos conservantes prejudiciais.

Composição:

| | <i>Cápsulas</i> | <i>Suspensão oral</i> |
|---|-------------------------|-----------------------|
| Cl. de tetraciclina | 250 mg | 1,5 mg |
| Vitamina B ₁ | 2,5 » | 0,015 g |
| » B ₂ | 2,5 » | 0,015 » |
| » PP | 25 » | 0,15 » |
| » B ₆ | 0,5 » | 0,03 » |
| » B ₁₂ | 1 mcg | 6 mcg |
| Pantotenato de cálcio | 5 mg | 0,03 g |
| Ácido fólico | 0,375 » | 2,25 mg |
| Vitamina C | 75 » | 0,45 g |
| » K | 0,5 » | 0,003 » |
| Excipiente com glucosamina | q. b. p. 1 cápsula | — |
| Pó para suspensão com glucosamina | — | q. b. |
| Apresentação | Frs. de 8 e 16 cápsulas | Frs. de 60 g |

**A NEOCICLINA VITAMINADA PODE SER
PRESCRITA COM INTEIRA CONFIANÇA**